

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Editora 34, 2008.

AGUILAR, Gonzalo. **Poesia concreta brasileira**. São Paulo: Edusp, 2005.

ALVIM, Francisco. **Poemas**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

ANDRADE, Mário de. **O banquete**. São Paulo: Duas Cidades, 1989.

ANDRADE, Mário de **Aspectos da literatura brasileira**. São Paulo: Martins, 1972.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1997.

ANDRADE, Mário de. **Entrevistas e depoimentos**. São Paulo: TAQ, 1983.

ANDRADE, Mário de. **O baile das quatro artes**. São Paulo: Martins, 1975.

ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinho**. São Paulo: Martins, 1972.

ANDRADE, Mário de. **Os filhos da Candinha**. São Paulo: Martins, 1976.

ANDRADE, Mário de. **Cartas cartas**. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1968.

ANDRADE, Mário de. **Obra imatura**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

ANDRADE, Mário de. **Poesias completas**. Belo Horizonte: Villa Rica, 1993.

ANOS 70: **Trajetórias**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

Trapaças da sorte. Revista Veja. São Paulo, 6 de janeiro, 1988.

ATHAYDE, Tristão de. **Teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos, 1980.

ARRIGUCCI JR., Davi. **Humildade, paixão e morte** — a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AZEVEDO, Carlos. **Jornal Movimento**: uma reportagem. Belo Horizonte: Manifesto, 2011.

AZEVEDO, Carlito (org.). **Inimigo rumor 20**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

BANDEIRA, Manuel. **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

BLOOM, Harold. **A angústia da influência**. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

BRECHT, Bertolt. **Estudos sobre teatro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

BRECHT, Bertolt. **Poemas 1913-1956**. São Paulo: Editora 34, 2000.

BRITO, Antonio Carlos de. **A palavra cerzida**. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1967.

CACASO. **Grupo escolar**. Rio de Janeiro: Mapa, Coleção Frenesi, 1974.

CACASO. **Lero lero**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CACASO. **Mar de mineiro**. Rio de Janeiro: Cosac Naify, 1982.

CACASO. **Não quero prosa**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

CACASO. **Beijo na boca e outros poemas**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CACASO. **Beijo na boca**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

CACASO. Inclusive, aliás. In: **NOVOS ESTUDOS CEBRAP**. São Paulo: CEBRAP, fevereiro de 1986.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. **Poesia marginal dos anos 70**. São Paulo: Scipione, 1995.

CAMPOS, Augusto de. CAMPOS, Haroldo de. PIGNATARI, Décio. **Teoria da poesia concreta**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

CAMPOS, Augusto de. **Balanço da bossa e outras bossas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CAMPOS, Augusto de. **Poesia antipoesia antropofagia**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem e outras metas**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CAMPOS, Augusto de. **A arte no horizonte do provável**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

CAMPOS, Augusto de. **O arco-íris branco**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

CAMPOS, Milton de Godoy (org.). **Antologia poética da geração de 45**. São Paulo: Clube de Poesia, 1966.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **O observador literário**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **Brigada ligeira**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004.

CAPINAN, José Carlos. **Inquisitorial**. Bahia, 1966.

CARVALHO, Hermínio Bello de. **João amor e Maria**. Rio de Janeiro: Record, 1966.

CESAR, Ana Cristina. **Crítica e tradução**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1999.

CESAR, Ana Cristina. **Correspondência incompleta**. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 1999.

CHACAL. **Uma história à margem**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

CHACAL. **Belvedere**. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

COELHO, Eduardo dos Santos. **Arqueologia da composição**: Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2009. 219 fls. Tese de Doutorado em Literatura Brasileira.

COELHO, Frederico. **Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

COHN, Sergio (org.). **Nuvem Cigana** — poesia & delírio no Rio dos anos 70. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

DAWSEY, John C. “Por uma antropologia benjamiana: repensando paradigmas do teatro dramático”. In: **Ponto e vírgula 8**. São Paulo, 2010.

DUARTE, Rogério. **Tropicaos**. Rio de Janeiro: Azougue, 2003.

ESSLIN, Martin. **Brecht: dos males o menor**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FARIA, Regina Lúcia de. “A polêmica do Estruturalismo ou ‘quem tem medo de teoria?’”. In: **XI Congresso Internacional da ABRALIC**. São Paulo, 2008. 10 fls.

FAUSTINO, Mário. **De Anchieta aos concretos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

FREITAS FILHO, Armando; HOLLANDA, Heloísa Buarque de; GONÇALVES, Marcos Augusto. **Anos 70: 2** — literatura. Rio de Janeiro: Europa, 1980.

GONÇALVES, Marcos Augusto. **1922 a semana que não terminou**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GUIMARÃES, Julio Castañon. **Entre reescritas e esboços**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2010.

MORICONI, Italo. **Horizontes formativos, lugares de fala: Antonio Candido e a pedagogia do poema**. Gragoatá, N.12. p. 47-62. Niterói: Ed. UFF, 2002.

GRÜNEWALD, José Lino. **O grau zero do escrever**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. **Impressões de viagem**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2004.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. (org.) *Esses poetas*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Poesia jovem anos 70**. São Paulo: Abril, 1982.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Patrulhas ideológicas**: arte e engajamento em debate. São Paulo: Brasiliense, 1980.

JAKOBSON, Roman. **Linguística. Poética. Cinema**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

JARDIM, Eduardo. **Mário de Andrade**: a morte do poeta. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

JORGE, Mário. **Cuidado silêncios soltos**. Campinas: Unicamp, 1993.

LEITE, Sebastião Uchoa. **Participação da palavra poética**. Petrópolis: Vozes, 1966.

LEITE, Sebastião Uchoa. **Crítica de ouvido**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

LEMINSKI, Paulo. **Ensaio e anseios crípticos**. Campinas: Unicamp, 2011.

LEMINSKI, Paulo. **Entrevista concedida a Aramir Millarch**. <<http://www.millarch.org/audio/paulo-leminski>>. Acesso em: 03 jan. 2012. 15:04h.

LEMINSKI, Paulo; BONVICINO, Régis. **Envie meu dicionário**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Luiz Costa. *Lira & Antilira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.

LIMA, Luiz Costa. (org.) **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

LIMA, Marisa Alvarez Lima. **Marginália**: arte e cultura “na idade da pedrada”. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

LOBO, Luiza. **Tradição e ruptura**: o Guesa de Sousândrade. São Luís: Sioge, 1979.

LUKÁCS, Georg. **Realismo crítico hoje**. Brasília: Coordenada, 1969.

MATOS, Cláudia Neiva de; TRAVASSOS, Elizabeth; MEDEIROS, Fernanda Teixeira de (org.). **Ao encontro da palavra cantada**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2001.

MATOS, Gramiro de. **Os morcegos estão comendo os mamões maduros**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

MATOS, Gramiro de. **Urubu-rei**. Rio de Janeiro: Gernasa, 1972.

MEDEIROS, Fernanda. **Chacal**. Rio de Janeiro: UERJ, 2010.

MELO NETO, João Cabral de. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Lisboa: Cotovia, 2006.

MELLO, Zuzana Homem de. SEVERIANO, Jairo. **A canção no tempo**, v. 2. São Paulo: Editora 34, 1998.

MENEZES, Philadelpho. **Poética e visualidade**. Campinas: Unicamp, 1991.

MERQUIOR, José Guilherme. **O fantasma romântico e outros ensaios**. Petrópolis: Vozes, 1980.

MERQUIOR, José Guilherme. **Razão do poema**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MERQUIOR, José Guilherme. **A astúcia da mímese**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MERQUIOR, José Guilherme. **Formalismo & tradição moderna**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1974.

MERQUIOR, José Guilherme. **O estruturalismo dos pobres e outras questões**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

MERQUIOR, José Guilherme. **Saudades do carnaval**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

MERQUIOR, José Guilherme. **De Anchieta a Euclides**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

MERQUIOR, José Guilherme. **Arte e sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

MORAES, Antonio de Moraes. **Orgulho de jamais aconselhar**. São Paulo: Edusp, 2007.

MORAES, Antonio de Moraes (org.). **Câmara Cascudo e Mário de Andrade: Cartas, 1924-1944**. São Paulo: Global, 2010.

MORAES, Antonio de Moraes (org.). **Correspondência1**: Mário de Andrade e Manuel Bandeira. São Paulo: Edusp, 2000.

MORAES, Dislane Zerbinatti. “E foi proclamada a escravidão: Stanislaw Ponte Preta e a representação satírica do golpe militar”. In: **Revista brasileira de história nº 24**. São Paulo, 2004.

MORICONI, Italo. **Ana Cristina Cesar**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

MORICONI, Italo. **Destino: poesia**. Rio de Janeiro. José Olympio, 2010.

NAVES, Santuza Cambraia. **Canção popular no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

NUNES, Benedito. **O dorso do tigre**. São Paulo: Editora 34, 2009.

NUVEM CIGANA. **Poesia e delírio nos anos 70**. Rio de Janeiro: Azougue, 2007.

CARDOSO, Marília Rothier. **De próprio punho —** Manuscritos de Lúcio Cardoso e Pedro Nava. Palavra nº 4. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC-Rio, 1997, p. 44-57.

CARDOSO, Marília Rothier. **Reciclando o lixo literário**: os arquivos de escritores. PALAVRA nº 7. Rio de Janeiro: Departamento de Letras da PUC-Rio, 1997. p. 68-75.

PEIXOTO, Charles. **Marmota platônica**. Rio de Janeiro: Taurus, 1985.

PEIXOTO, Fernando. **Brecht**: vida e obra. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1974.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Em busca do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **Retrato de época**. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

PIGNATARI, Décio. **Contracomunicação**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

PORTO, Sérgio. **O melhor de Stanislaw Ponte Preta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

PORTO, Sérgio. **A revista do Lalau**. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

POSADA, Francisco. **Lukács, Brecht e a situação atual do realismo socialista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.

PROENÇA, M. Cavalcanti. **Roteiro de Macunaíma**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987.

RAMOS, Ricardo G. **Comunycativo**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1973.

RAMOS, Ricardo G. **Estado de coisas**. Petrópolis: Vespertino, 1975.

RAMOS, Ricardo G. **Sopa de sapatos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

ROSENFELD, Anatol. Heróis e coringas. In: **Teoria e prática 2**. São Paulo: Teoria e Prática Editora, s.d.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ROSENFELD, Anatol. **Prismas do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

ROSENFELD, Anatol. **Texto/contexto I**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SALGUEIRO, Wilberth Clayton Ferreira. **Forças & formas**. Vitória: CCHN, 2002.

SALOMÃO, Waly. **Armarinho de miudezas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

SALOMÃO, Waly. **Qual é o parangolé?**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SALOMÃO, Waly. **Me segura que eu vou dar um troço**. Rio de Janeiro: Aeroplano: 2003.

SANTIAGO, Silviano. **Nas malhas da letra**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTIAGO, Silviano. **Vale quanto pesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SARDAN, Zuca. **Osso do coração**. Campinas: Unicamp, 1993.

SARDAN, Zuca. **Ás de colete**. Campinas: Unicamp, 1994.

SEVERIANO, Jairo. **Uma história da música popular brasileira**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SCHWARZ, Roberto. **Corações veteranos**. Rio de Janeiro: Mapa, Coleção Frenesi, 1974.

SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros estudos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, Gilda de Mello e. **Exercícios de leitura**. São Paulo: Duas Cidades, 2009.

SOUZA, Gilda de Mello e. **A ideia e o figurado**. São Paulo: Duas cidades, 2005.

SÜSSEKIND, Flora. **Até segunda ordem não me risque nada**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007.

SÜSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

TEIXEIRA, Ivan. "O formalismo russo" In: **Revista Cult**. São Paulo: agosto, 1998.

TOLEDO, Dionísio de Oliveira. **Teoria da literatura: formalistas russos**. Porto Alegre: Editora Globo, 1976.

TORQUATO NETO. **Torquatália: do lado de dentro**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

TORQUATO NETO. **Torquatália: geléia geral**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

VAZ, Toninho. **O bandido que sabia latim**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

VELOSO, Caetano. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

VELOSO, Caetano. **O mundo não é chato**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

ZULAR, Roberto (org.). **Criação em processo: ensaios de crítica genética**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

Bibliografia sobre Cacaso

ALVIM, Clara de Andrade. “Esses poetas de hoje” In: **Beijo na Boca**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

ALVIM, Francisco. “Cacaso: sentimento, perfídia”. In: **Folha de São Paulo**. São Paulo: 5 dez. 1982.

ARAGÃO, Daniela Pereira. **Figurações poéticas em Cacaso: o letrista e o poeta. Dissertação de mestrado**. Rio de Janeiro: UFRJ-CFCH. 2004.

ARAGÃO, Helena. “O poeta que escuta”. In: **Inimigo Rumor nº 8**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

AUGUSTO, Eudoro. “Na casa do Cacaso”. In: **Inimigo Rumor nº 8**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

AZEVEDO, Carlito. “Apresentação”. In: **Inimigo Rumor nº 8**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

CAVALCANTE, José Francisco. **Cacaso: poeta da canção**. Dissertação de mestrado. USP-FFLCH. São Paulo: 2008.

COSTA, Patrícia Anzini da. **Eisenstein, Tropicalismo e Cacaso: alguma coisa em comum?**. Baleia na Rede, V. 1, N. 6, 2009. Disponível em: [Http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1461](http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/baleianarede/article/view/1461). Acesso em 03 jan. 2012. 15:45h

FIGUEIREDO, Priscila. **Poetas em tempos sombrios**. Reportagem nº40. s.l.: jan. 2003.

FREITAS FILHO, Armando. “**Esse tal de Cacaso**”. Revista Cult. São Paulo: maio 2006.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de. “Entrevista com Heloísa Buarque de Hollanda”. In: **Inimigo Rumor nº 8**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

LANDIM, Pedro. “Carinho eterno”. In: **Inimigo Rumor nº 8**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

MAGALHÃES, Milena. “Cacaso não é bem o caso do acaso”. In: **Revista de letras nº 45**. São Paulo: 2005.

MARTIN, Carlos Frederico Barrére. **A véspera do trapezista: Leitura da poesia de Antonio Carlos de Brito**. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP-FFLCH, 2008.

Morte precoce de um poeta. **Isto é**. São Paulo: 6 jan. 1988.

MASSI, Augusto. “A malícia de um marginal”. In: **Inimigo Rumor nº 8**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

OLIVEIRA, Ana Maria Domingues. “Dever de caça: a poesia de Cacaso” in **Literatura e sociedade nº8**. São Paulo: 2005.

PROVASE, Lucius. **Da experiência de escrever ao ato da escrita**: vida e arte na poética de Cacaso. Dissertação de mestrado. São Paulo: USP-FFLCH 2010.

Rebate de pares (críticos e poetas). In **Remate de males nº2**. Campinas: 1981.

SANCHES NETO, Miguel. Poeta aos pés da amada. In: **Gazeta do povo**. Recife: 2 jul. 2000.

SANTOS, Antônio Carlos. De pássaro incubado a tico tico de rapina: a poesia de Antônio Carlos de Brito, o Cacaso. In: **Poesia e contemporaneidade: leituras do presente**. PEDROSA, Célia.; CAMARGO, M.L. (Org). Chapecó: Argos, 2001.

SCHWARZ, Roberto. Pensando em Cacaso. In: **Sequências brasileiras**. Companhia das Letras, São Paulo: 1999.

SOARES, Débora Racy. **Um frenesi na corda bamba**: análise crítica da obra poética Grupo Escolar (1974) de Antônio Carlos de Brito. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade. Araraquara: Estadual Paulista, 2003.

SOARES, Débora Racy. o poemão e a figurinha. In: **Línguas e letras**. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel: 2005.

Trapassas da sorte. **Veja**. São Paulo, 1988.

WERNECK, Humberto. **Todo objeto é enigma**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 27 dez. 1988.

20 Anexo

20.1 “Doutor Caneta”

— Centro da cidade

— Magrinho; bebia muito chope

— Prestava os mais variados serviços por escrito: coisas burocráticas, pragmáticas, e coisas sentimentais, mais ligadas à área dos sonhos... Que sonhos? Os pequenos sonhos cotidianos.

Quem era o Dr. Caneta? Eu nunca consegui saber. O que eu pressentia era que ele tinha vindo ao mundo como um órgão de expressão de tudo que era mudo; dos que não conseguiam falar de suas alegrias ou de seus sofrimentos.

“Órgão de expressão de tudo que era mudo” (Nilo de Oliveira) — o Dr. Caneta como escritor — porta-voz, e, só com isso, prestando um relevante serviço social: viabiliza as pequenas e grandes necessidades dos indivíduos. Dos indivíduos, não dos cidadãos, porque no Brasil a categoria liberal de cidadão nunca chegou a se firmar, a se consolidar, portanto nunca chegou a formar tradição. Não há jurisprudência no Brasil. Jurisprudência é tradição. Não temos rigor. Rigor também é tradição. Nossas instituições são espúrias além do tolerável. É demais. Nosso problema é o excesso. Nossa estética também é excesso. Nosso artesanato é busca de equilíbrio. Nosso academicismo, beletrismo, nosso oficialismo estético, é tentativa de expurgar o excesso. Esse excesso. Nosso excesso. Há duas maneiras, em extremos, de resolver a questão do excesso: uma, a parnasiana, em última instância formalista, é tentar expulsar os excessos, negá-los, ignorá-los mesmo, através do virtuosismo retórico, o virtuosismo de “artista”, de índole escolar, inteiramente preso aos cânones escolares. Uma maneira que favorece muito a mediocridade. Pensem bem: metrificação, rimas regulares, metros definidos, enfim, uma contabilidade poética resolvida em regras, em instruções de como deve ser e como não deve ser a poesia. Ora, está como um prato feito para a mediocridade. O parnasianismo brasileiro, quanto mais puro, quanto mais depurado, mais medíocre. Quanto mais escolar, mais segundo os cânones, mais medíocre. A outra maneira de resolver o excesso, digamos a

maneira boa, é bem diferente. Como é? Ora, é fácil. O Brasil é um país musical, aqui tudo é ritmo. Tudo é pulsação. Nosso negócio é botar ritmo no excesso. Elaborar o excesso pelo ritmo. Nossa desproporção, que é originária, nossa, intrínseca, fator de caráter, só será produtiva, formativa, se for equacionada pela chave do ritmo. Daí, na poesia, a importância do verso livre, onde cada um pesquisa o seu ritmo individual, pessoal. Arte moderna é exposição de subjetividade. É libertação da subjetividade. E isso é revolucionário, revelador. Daí, o papel imperecível de verso livre, sem ignorar os outros versos, metros, regras... Isso tudo apenas pra mostrar o quanto o brasileiro não é cidadão. O Dr. Caneta, servindo de porta-voz, transformava o indivíduo desamparado em cidadão. Dr. Caneta era a ponte para a cidadania. Escrevia os textos legais dos humildes, dos sem voz, dos sem terra, dos sem quase nada. Dos quase sem nada. Nilo disse: “órgão de expressão de tudo que era mudo”. Talvez seja a metáfora de todo escritor: todo escritor escreve por quem não escreve. Fala por quem não fala. Usar a palavra é “dar a voz”, deixar passar, ceder a vez. Chico Alvim, é um tipo de Dr. Caneta. É o estilo de todos. A voz de todos. E essas vozes são estranhamente parecidas, semelhantes, pouco diferenciadas. Aliás, menos diferenciada na forma do que na matéria. Os conteúdos variam com as circunstâncias, mas a técnica geradora da forma permanece: a poesia é anotação, bilhete, recado, esboço, que são veículos da pluralidade de vozes.

CEDER A VEZ X PROPICIAR A VEZ.

No que o poeta “cede a vez”, na verdade está é propiciando a vez. O bilhete que o poeta escreve é criado, e não bilhete bilhete. A vez que ele cede é criada. É uma presença. O poeta entra em campo tirando o time. Adentra saindo. O poeta sai, e essa é a forma de se afirmar. O poeta é artista, é artesão, trabalha com as mãos. Reúne materiais, técnicas, conhecimentos, e aplica isso tudo na criação do poema. A presença do poema é a ausência do poeta. O “poeta” Manuel Bandeira são seus livros, seus poemas. A pessoa é apenas conhecida como quem escreve aquelas coisa, com seu autor. Existe a autoria. Existe um mérito concreto. O prestígio do poeta resulta do mérito da obra. É porque a coisa é boa, que o poeta ganha fama de bom poeta. O poema transfere valor para o poeta. É um valor a mais, que provém do fato simples de ter sido o autor de coisas boas, de arte bem feita. Isso não impede que o poeta, enquanto pessoa, não possa já ser possuidor de outros valores, morais, filosóficos, existenciais... O valor que a obra transfere do

seu autor é um valor a mais. Isso independe dos valores políticos, religiosos, ideológicos, pessoais, da pessoa do artista. Esse valor a mais, é o que todo mundo quer. É um valor muito cobiçado. “Ser artista”, “ser escritor”, “ser poeta”, isso dá muito prestígio. O talento é bem visto. Ser autor de livros! Ser impresso em letras de fôrma, com página paginada! Puxa vida! Que bacana! Todos querem. Ser artista é um sonho. Artista famoso, bem entendido. Vaidade humana.

20.1.1 **“Doutor Caneta (estudo vago)”**

20.1.2.1 **(A)**

Era um prestador de serviços públicos. Era útil. Viva nas portas dos cartórios, delegacias, motéis baratos, entre a Lapa antiga e moderna. Dr. Caneta tinha fluência, seus requerimentos e petições públicas, nunca eram passados a limpo. Era de uma vez só. Daí sua fama, sua popularidade: era direto, bem escrito, um pouquinho enfeitado, com retoques de estilo, dando presença pessoal ao texto impessoal, público, útil, funcional... As coisas iam por aí, até que o dono do botequim onde o Dr. Caneta fazia ponto, um balcão banal de botequim, um ponto circunstancial, começou a pedir para o doutor Caneta que ele explicasse as notícias do rádio, aquilo quente e urgente o locutor dizia. E o Dr. Caneta começou a comentar o noticiário, que podia ser futebol, crime, reforma monetária, previsão do tempo, reforma agrária, ó erre tê êne, etc, etc. O Dr. Caneta começou a passar para a tradição oral, onde a notícia é meio descartável... Por aí não deu... Dr. Caneta voltou à caneta, operário, batalhador, sempre correndo atrás... correndo atrás... Dr. Caneta corre atrás...

20.1.2.1 **(B)**

Primeiro estágio: Cruzeiro. Por ali. Pequenos bilhetes. Pretextos escritos, sugestões, relação de compras, inventários semanais, etc. Um belo dia, o Dr. Caneta vai a Teresópolis. Vai à cidade grande. Diferenciar Cruzeiro de Teresópolis. Cruzeiro é o 1º estágio: mínimo, com tipos extra-terrestres, etéreos,

louquinhos, tão esquisitos e desconfortáveis que justifica evitá-los, tratá-los como fatos pitorescos, compreensíveis... Do ponto de vista propriamente literário, o Dr. Caneta é apenas um efficientíssimo funcionário. Nunca houve uma reclamação de seus serviços. Era um conhecedor das escritas utilitárias... Um Sandrão. Um fera na conversa. Em matéria de literatura protocolar, de redator disponível e competente, honesto, apenas uma habilidade aparentemente supranormal: saber redigir. Cf. o Dr. Caneta com aquela profissão que já surgiu nos Estados Unidos, em Nova York: o redator universal, capaz de atender a qualquer demanda; de atender a qualquer sonho; desejo; fantasia; solicitação... O Dr. Caneta de Nova York é assim: o sujeito acha que tem boas ideias para escrever um romance; tem tudo na cabeça: o enredo; as tramas; o encaminhamento das situações; o desfecho... Sobretudo o desfecho. Vai daí, procura o ESCREVEDOR (o habilidoso universal): passa-lhe as ideias, as intenções, as imprecisões, as taras, as frustrações. E o escrevedor transforma aquela massaroca em... ROMANCE! Se o freguês acha que gostaria de escrever um poema, então o ESCREVEDOR bota aquilo tudo em versos. Ou carta. Ou conto. Ou qualquer coisa. Mas o nosso Dr. Caneta, brasileiro, trabalhador, sem vaidade, é apenas um personagem de Lima Barreto...

20.1.2.3 (C)

Dr. Caneta existiu. O quer era aquilo? Era um burocrata? Era um tipo “Davi Martinho Rodrigues”? Que literatura era essa? Que habilidade era essa? Tinha vida dupla? Tripla? Única? O que era aquilo?